

Título	Infância refugiada: a criança e o direito à educação
Autor/es	Deborah Esther Grajzer
Resumo	Objetiva-se discutir a condição de vida de crianças refugiadas nos últimos anos no Brasil. O trabalho centra-se no direito fundamental à educação e à infância, com base na Sociologia da Infância e na abordagem histórico-cultural de Vigotski. As discussões têm como parâmetro os documentos elaborados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e pelo Comitê Nacional para os Refugiados.
Ano/Edição	Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo

CULTURA

Título	E a festa, onde foi parar?
Autor/es	Suzana Sochaczewski Evelyn
Resumo	A autora trata das dificuldades do trabalho na terra de chegada, São Paulo, que, apesar de ser uma cidade com muitas opções de programas culturais e festas, é vista pelos migrantes apenas como um local de trabalho. Esta é uma forma de manter sua migração como temporária. Em São Paulo, o trabalho que garante sua sobrevivência não garante a vida como festa. Esta tem sua garantia nas regiões de origem dos migrantes temporários, que não trazem as festas de sua terra natal, trazem em sua bagagem apenas o trabalho. A articulação ente festa e trabalho também vincula-se ao aspecto contraditório da sua migração temporária
Ano/Edição	Ano I, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo-SP

Título	Editorial (Ed. 7, Cultura)
Autor/es	Editorialistas de Travessia
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo

Título	O lazer da população de origem migrante na metrópole
Autor/es	José Guilherme Cantor Magnani
Resumo	O artigo procura abordar sobre o lazer da população migrante na grande metrópole, comumente vinculado a uma série de manifestações culturais com forte sabor rural. Religiosas ou profanas, essas manifestações seria algo assim

Ano/Edição	<p>como “sobrevivência” de padrões culturais- relações de trabalho, ritos e práticas devocionais, tempo livre, laços de vizinhança, compadrio, etc. – associados ao particular modo de vida que remete ao polo de origem do processo migratório. “Sobrevivências”, porque transplantadas (e meio deslocadas) no novo solo onde, em vez de corresponderem às antigas funções e significados, constituiriam desfiguradas lembranças de um passado remoto e até mesmo mítico.</p> <p>Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo</p>
Título	O retorno para a festa
Autor/es	Marilda Aparecida de Menezes; Socorro Pereira; Jaldete Soares; Hermano José
Resumo	<p>Neste artigo, analisaremos como os migrantes ainda preservam, embora transformados, os traços culturais de sua terra de origem. Tomaremos o fenômeno da volta massiva do Sudeste para o Nordeste, por ocasião dos festejos juninos. A pesquisa baseou-se em entrevistas realizadas com migrantes que vieram de São Paulo e Rio de Janeiro para os festejos juninos em 1989, e se dirigiram às áreas rurais de Campina Grande e municípios vizinhos: Puxinanã, Queimadas e Remígio, no estado da Paraíba.</p>
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo
Título	A música sertaneja entre o pão e o circo
Autor/es	José de Souza Martins
Resumo	<p>O artigo aborda alguns sobre alguns equívocos que cercam a existência da chamada música sertaneja como manifestação cultural popular, que encerra, além disso, algumas ciladas políticas. É comum o entendimento de que se trata da mais popular dentre as formas de expressão musical popular. Os divulgadores da música sertaneja, que são, geralmente, também, os seus manipuladores, costumam insistir na ideia de que se trata da música brasileira mais genuína. Supõem e, sobretudo, querem fazer supor que se trata de música autêntica, originada do que existe de mais puro na sociedade brasileira, que seria o mundo rural. O engano é completo. Essas ideias encerram uma boa dose de mistificação ideológica, na tentativa de fazer passar como popular e autêntico o que é puramente industrial e inautêntico. Já tive oportunidade de escrever sobre o assunto e mostrar que a música sertaneja não deve ser confundida com a música caipira e com formas correlatas de expressão rural.</p>
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo

Título	As sete vidas da cultura popular
Autor/es Resumo	Braulio Tavares A cultura popular do Nordeste tem qualidades que à primeira vista parecem contraditórias. Por um lado, ela é fortemente tradicional, baseada na continuidade de formas e atitudes cultivadas há séculos; por outro é extremamente maleável – adapta-se com facilidade a mudanças econômicas e sociais, transporta-se sem muito problema do campo para a cidade. É antiga e moderna ao mesmo tempo: parece simplória, mas é capaz de uma extrema sutileza de pensamento, uma extrema sofisticação de linguagem. Essa aparente contradição é talvez a maior garantia de que essa cultura popular não poderá ser facilmente desalojada ou substituída pelas formas da chamada “cultura de massas” contemporânea – o rádio, a TV, as revistas, o cinema, etc. O artigo pretende abordar a dinâmica e a diversidade da cultura popular no Nordeste no contexto migratório da região.
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo

Título	A música urbana de Luiz Gonzaga
Autor/es Resumo	Braulio Tavares O artigo faz uma abordagem sobre o caráter urbano, entretanto tido como rural, da música de Luiz Gonzaga. Este artista é conhecido no Rio de Janeiro e em São Paulo como um típico representante da música rural – quando sua música é rural apenas na temática, mas em espírito é essencialmente urbana. Costuma-se dizer que ‘baião é um gênero da música nordestina – mas ninguém diz que ele foi inventado no Rio de Janeiro. As músicas de Gonzaga são muitas vezes classificadas na imprensa como “o legítimo forró tradicional do Nordeste”, quando na realidade o forró tradicional era algo muito diferente, e foi “modernizado” por Gonzaga para que este pudesse abrir espaço dentro de um mercado musical que tinha seus próprios estatutos.
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo

Título	O migrante e o movimento operário (Depoimento)
Autor/es Resumo	Jaime Cuberos Depoimento
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo

Título	O tempo de festa é sempre
Autor/es	Rita de Cássia Amaral
Resumo	A vida nas cidades frequentemente é apontada como a fonte da maioria dos males sociais como a violência, a pobreza, os desvios comportamentais, as neuroses etc.. Na cidade os homens se sentiriam solitários, massificados, tratados pelas instituições como meros números, sem identidade pessoal. Na cidade até o tempo perderia o sentido, pois seria sempre vivido como o tempo do trabalho, sendo o descanso dos finais de semana apenas “um intervalo’ entre dois períodos de produção, um tempo reservado à reprodução da força de trabalho, e que os trabalhadores não teriam condições de desfrutar como lazer devido à falta de recursos, oportunidades ou mesmo de disposição. Por isso o tempo não faria sentido, apenas passaria, levando consigo a vida dos homens, especialmente se estes homens são pobres, pouco escolarizados, migrantes, com um gosto próprio em relação ao lazer. Basta, no entanto, nos determos para observar mais atentamente os inúmeros grupos que vivem na cidade para constatar que a verdade não é bem essa.
Ano/Edição	Ano VI, nº 15, jan-abril/1993. São Paulo

Título	Festa no sertão
Autor/es	Margarida Maria Moura
Resumo	Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, durante o mês de junho em certos municípios e no mês do outubro, na maior parte de ICS, ocorre a festa de Nossa Senhora do Rosário. Centenas de fiéis participam destas festas. A cidade do Serro, localizada nas nascentes do Rio Jequitinhonha, é a mais frequentada de todas. Chamada de ‘festa dos pretos”, estava ligada no passado à devoção da população escrava. Tornou-se depois ‘ ‘festa dos pretos livres”, até tornar-se nos dias de hoje “festa dos pobres” e “festa do povo”. O Serro se transforma nesses dias. A população municipal duplica. Chegam pessoas dos municípios de Rio Vermelho, Datas, Conceição do Mato Dentro, Itambé, Diamantina e Monte Azul, além de gente de Belo Horizonte e São Paulo, Várias casas são alugadas, casas habitadas se enchem de hóspedes, multiplicando os moradores. Os pequenos hotéis da cidade abrigam turistas de classe média alta. Em princípio, vai-se assistir a uma ‘festa folclórica tradicional” de uma antiga área de mineração do ouro, que acolhe devotos de áreas periféricas. principalmente pretos e pardos que, títula vez libertos ou livres, mantiveram intacta a sua devoção à padroeira. Nossa Senhora do Rosário.

Ano/Edição	De fato. essa é uma parte da história. Mas o quadro é bem mais complexo do que isto. Ano VI, nº 15, jan-abril/1993. São Paulo
Título	Televisão, classes populares e mediação cultural
Autor/es	Maria Celeste Mira
Resumo	No início, como quase tudo que se faz no Brasil, a televisão foi um projeto de elite: de uma elite de produtores para outra formada pelos poucos que podiam adquirir o seu próprio aparelho de TV. A programação, apesar de já contar com atrações e artistas populares vindos do rádio, refletia esta realidade. O principal produto do horário nobre era o teleteatro. cuja preocupação era exibir textos de autores igualmente nobres como Shakespeare, Ibsen e outros. As boas famílias das principais capitais do país podiam até mesmo exercer uma certa censura moral e cultural sobre os programas apresentados, ligando diretamente para uma emissora. quando os consideravam fora do decoro ou do bom nível. Estes “privilégios” não duraram muito. Já na virada dos anos 60 a televisão começa a se tornar um veículo mais popular. A fabricação de aparelhos em série no Brasil se inicia em 1958. Na década seguinte as linhas de crédito para aquisição de eletrodomésticos se amplia enormemente, O projeto de criação de um mercado ampliado de bens de consumo material e simbólico, bem como o de “integração nacional”. (sua face autoritária). só eram possíveis com a incorporação do grande público, as classes médias e populares. Ao longo de sua história, a televisão brasileira foi alcançando índices de penetração tão significativos que hoje o difícil mesmo é explicar como ela se tornou tão popular. Para responder a esta questão precisamos abandonar de vez certas fórmulas que se mostram obsoletas. Atribuir o sucesso da televisão ao seu suposto poder de manipulação das consciências, à imposição total da ideologia dos dominantes. torna-se cada vez menos correto. Porque, na verdade, há contradições ideológicas no interior da produção, onde não se consegue manter integralmente uma linha de atuação.
Ano/Edição	Ano VI, nº 17, set-dez/1993. São Paulo
Título	Festas de migrantes
Autor/es	José Guilherme Cantor Magnani
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo

Título	Sentidos da festa à brasileira
Autor/es	Rita de Cássia Amaral
Resumo	Frequentemente ouvimos dizer que “no Brasil tudo acaba em festa”. Esta associação entre o caráter brasileiro e a festa deixa transparecer a percepção de uma certa displicência, “alienação” e descaso com as normas e a ordem, imediatamente referidas ao Carnaval (notadamente um tempo em que se supõe ser possível quebrar ou subverter regras) e às inúmeras outras festas que acontecem no país. Tanto dentro do Brasil, como no exterior, somos considerados o “país do Carnaval” (e o dicionário registra que a palavra carnaval também significa “confusão, desordem, trapalhada”) e da alegre irresponsabilidade, o que implica o impulso para festejar como definidor da imagem internacional e da auto imagem brasileira, sendo, portanto, um traço distintivo da identidade nacional. “O Brasil”, teria afirmado o presidente da França Charles de Gaulle, “não é um país sério”. Mas será que festejar se opõe à responsabilidade e à consciência social? À cidadania? Ao enfrentamento de problemas? A festa é, de fato, um marcante elemento constitutivo do modo de vida brasileiro (Del Priore, 1994). Se muita coisa “acaba em festa”, muita coisa também começa por ela (Magnani, 1984). Portanto, a festa não pode ser vista, pelo menos no Brasil, como mera fruição, divertimento ou “válvula de escape” para as tensões acumuladas na vida cotidiana, embora também o sejam. Afinal, não devemos esquecer que as inúmeras festas brasileiras acontecem com fundamentos diferentes para os vários grupos que as promovem. É preciso, então, compreender de que festa se está falando, como é produzida e com que finalidade. E, mais ainda, qual o significado dela para os que a produzem e para o povo brasileiro em geral que, de fato, quantitativamente, realiza muitas festas, conforme se pode notar nos inúmeros calendários das Secretarias de Cultura e de Turismo dos estados e municípios brasileiros (Amaral, 1998).
Ano/Edição	Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo
Título	É dia de festa no rio Curipi
Autor/es	Antonella M. I. Tassinari
Resumo	No norte do Estado do Amapá, na região fronteira com a Guiana Francesa, reside uma população indígena de aproximadas 1500 pessoas: são os Karipunas, habitantes do rio Curipi. Nessa região, convivem com outros povos indígenas: Palikur, Galibi-Marwono, Galibi do Oiapoque, mantendo

Título	Festas arouquenses no Rio de Janeiro: reinventando tradições
Autor/es	Artur Nunes Gomes
Resumo	Este trabalho examina, a partir do estudo de festas religiosas e temporais, a reinvenção de tradições culturais, segundo a concepção de Hobsbawn, para quem essas tradições reinventadas são “um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e formas de comportamento através da repetição que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (Hobsbawn, 1984: 9). Essas festas são realizadas por membros de uma associação regional portuguesa do Rio de Janeiro, o Arouca Barra Clube, em referência ao local de mesmo nome, que é um Concelho do distrito de Aveiro, no norte de Portugal. Sua área é de 327 Km: e tem como principal atividade a agricultura, em especial a cultura do vinho.
Ano/Edição	Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo
Título	Festa “gaúcha” nos gerais da Bahia (Crônica)
Autor/es	Rogério Haesbaert
Resumo	Crônica
Ano/Edição	Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo
Título	As associações recreativas nas regiões de colonização alemã no Sul do Brasil: kultur e etnicidade
Autor/es	Giralda Seyferth
Resumo	O texto discorre sobre a história da imigração e das colônias alemãs no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná destacando a sua contribuição para a atualização de elementos culturais e uma identidade étnica teuto-brasileira.
Ano/Edição	Ano XII, nº34, maio-ago/1999
Título	CTN: um Nordeste paulistano
Autor/es	Mirandulina Maria Moreira Azevedo; Dulce Maria Tourinho Baptista; Maria do Socorro Carlos Vidal
Resumo	O texto apresenta impressões acerca do Centro de Tradições Nordestinas – CTN, resultante de uma série de visitas realizadas durante o mês de março de 1999. Procura-se perceber em que medida a distração, proporcionada pelo tempo livre e vivenciadas nesse espaço, abre possibilidades de rememoração das origens e celebração de determinada identidade ou mesmo práticas culturais. Entretanto, não se esquece que o CTN é um empreendimento que possui uma

Ano/Edição	lógica própria, com atividades dirigidas para um público com origens na região Nordeste, sendo este o verdadeiro mote da empresa. Ano XII, nº34, maio-ago/1999
Título	A Praça Sílvio Romero – a “tradição”
Autor/es	Rosani Cristina Rigamonte
Resumo	A identificação de estratégias de sociabilidade e de trabalho, as transformações na cultura de origem e as formas de lazer dos migrantes nordestinos na cidade de São Paulo serão os pontos de referência nesta análise, que terá como pano de fundo a procura das influências de todo este processo em seu modo de vida, tanto na metrópole, quanto no seu local de procedência. Na metrópole paulistana, nem todas as redes de comunicação e sociabilidade seguem um padrão único de regras, condizente com uma estrutura urbano-industrial e de comunicação de massa. Há redes que se mantêm mediante uma estrutura peculiar, através de arranjos e padrões próprios. Para que se vislumbre tal possibilidade, neste artigo, foi analisada a Praça Sílvio Romero. local onde uma rede de indivíduos é movida pelo seu conhecimento prévio, reafirmando laços de confiabilidade e mecanismos de conhecimento, vizinhança e parentesco, provenientes do local de origem.
Ano/Edição	Ano XII, nº 35, set-dez/1999. São Paulo-SP
Título	A linguagem dos símbolos no contexto da migração
Autor/es	Sidney Antonio da Silva
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XV, nº 42, jan-abril/2002. São Paulo
Título	“Salud! Sirvase compadre!” a comida e a bebida nos rituais bolivianos em São Paulo
Autor/es	Sidney Antonio da Silva
Resumo	O comportamento relativo à comida tem sido motivo de estranhamentos entre os vários grupos humanos, particularmente, entre os (i) migrantes, pois a maneira como se come, o cheiro, o aspecto e o sabor dos alimentos denotam identidades, ou seja, a origem e o ethos sociocultural de um grupo. No contexto migratório os alimentos condensam, portanto, uma poderosa carga simbólica e passam a evocar os vários sentidos do pertencimento, seja em relação ao país de origem, cujos vínculos ficam fragilizados e, por isso, precisam

<p>Ano/Edição</p>	<p>ser continuamente realimentados através da comensalidade, bem como em relação ao país de destino, onde se procura remarcar as diferenças. Os alimentos são também nos mais variados contextos fontes de interdições (jejum), permissões (refeição), restrições (abstinência) e doação ao sagrado (oferenda). Nesta perspectiva, este trabalho propõe-se a traçar uma análise dos significados que a comida e a bebida passam a ter em alguns rituais recriados pe10s bolivianos no âmbito das festas devocionais realizadas no espaço da Pastoral dos Migrantes, como é o caso do ritual dos “pasantes “ (passagem dos encargos da festa), e outros dois, em âmbito mais privado, o ritual da Ch’alla (libação à Mãe Terra) e o do altar de todos os Santos, no dia de finados. Iniciaremos, pois, nossa descrição etnográfica com os rituais realizados no âmbito do privado para depois ampliarmos para aquele de caráter mais público, numa tentativa de avaliarmos a importância da comensalidade, acionada em cada um deles.</p> <p>Ano XV, nº 42, jan-abril/2002. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Migração e diversidade linguística em Luanda</p> <p>Luena Nascimento Nunes Pereira</p> <p>Considerando a dinâmica migratória em Angola, nas diferentes fases da sua história, pretendo neste artigo traçar alguns aspectos da diversidade linguística na sua capital, Luanda, levando em conta a especificidade da formação do Estado Nacional neste país da África Central. Tratar dos deslocamentos populacionais em países africanos remete à formação deste extenso continente povoado através de sucessivas levas migratórias ao longo dos séculos, Migrações que acarretaram em dominação de povos sobre outros, como também em alianças, surgimento de novos povos, formações políticas e sociais de diversos tipos, relações comerciais, expansões religiosas. Assim como em todo o mundo, as migrações são elemento primordial da formação do continente africano e da história de seus diversos povos.</p> <p>Ano XV, nº 42, jan-abril/2002. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>A linguagem fotográfica no Islã</p> <p>Francirosy Campos Barbosa Ferreira</p> <p>Este artigo discute a relação dos muçulmanos com a imagem fotográfica. A intenção é aproximar o nosso mundo ocidental à lógica islâmica sobre a representação da imagem, isto</p>

<p>Ano/Edição</p>	<p>porque, na religião islâmica o culto à imagem é proibido: não se deve cultuar o que Deus criou. De acordo com Hanania (1999: 15), o espírito desta interdição islâmica em face da representação de formas é que, teoricamente, no Dia do Juízo, as imagens deverão ser ressuscitadas por seu autor. Mas, e a fotografia? Muito embora ela se constitua como um modelo de representação, não podemos descartá-la totalmente do contexto islâmico. No período do profeta Muhammad (Maomé), século VII, o grande perigo para os adeptos ao Islã era o culto às esculturas, estátuas de bronze. A imagem figurativa apresentava um impedimento, pois esta representava a criação divina. Não se deve copiar o que Deus criou, pois tudo o que ele fez (faz) é perfeito, na lógica islâmica. Para encontrar respostas a essas limitações, fui buscar em um determinado grupo - os muçulmanos do Brás em São Paulo -, elementos que apontassem a relação estabelecida pelos muçulmanos e as suas fotografias, já que essas podem também revelar imagens de corpo inteiro e, portanto, são figurativas. Esse grupo de muçulmanos é constituído, em sua maioria, por libaneses e descendentes que residem e trabalham no bairro do Brás.</p> <p>Ano XV, nº 42, jan-abril/2002. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>A alimentação e a culinária da imigração italiana</p> <p>Marilda Checucci Gonçalves da Silva</p> <p>Neste artigo apresento os resultados de uma pesquisa ⁱ que teve por objetivo estudar, com base no conceito de habitus², os impactos que a vinda de famílias camponesas imigrantes de origem italiana promoveram sobre a produção de alimentos e a culinária da região do Vale do Itajaí/SC. Orientado por esse objetivo mais geral, foram abordados, de forma mais específica, os seguintes aspectos: - As tradições trazidas desde a região de origem, bem como as inovações introduzidas nas técnicas de plantio, nas espécies plantadas e na dieta alimentar dos colonos imigrantes, em consequência do novo meio físico e social. A influência mútua, do ponto de vista da alimentação, dos diferentes grupos étnicos presentes na região; - Os aspectos simbólicos ligados ao ato alimentar, tomando como base seus rituais familiares e comunitários de comensalidade e partilha, suas relações de gênero, e a maneira como a culinária é utilizada enquanto um elemento de identidade. Para se atingir os objetivos pretendidos, foi realizada uma pesquisa de campo, recorrendo-se à etnografia e à história oral do grupo, através das lembranças retidas na memória das pessoas mais idosas das famílias.</p> <p>Ano XV, nº 42, jan-abril/2002. São Paulo</p>

Título	A linguagem dos símbolos no contexto da migração
Autor/es	Sidney Antonio da Silva
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XV, nº42, jan-abril/2002. São Paulo
Título	Os brincantes de Lucas e histórias de um boi migrante
Autor/es	Luciana Gonçalves de Carvalho
Resumo	Diferentes expressões populares aludindo ao tema de perda e recuperação de um novilho precioso espalham-se por quase toda parte do Brasil, como variantes de um mesmo ciclo mítico do boi que aparece incorporado em muitas histórias, músicas, danças e performances dramáticas pelo país afora: boi calemba no Rio Grande do Norte, boi pintadinho no Rio de Janeiro, boi bumbá no Pará e Amazonas, boi-de-mamão em Santa Catarina, boi-de-reis no Espírito Santo, cavalo-marinho em Pernambuco e bumba-meu-boi no Maranhão, Realizações singulares de um conjunto amplo de manifestações em que a figura de um boi — uma representação plástica do animal, mais ou menos realista, confeccionada artesanalmente — contracenava com homens e mulheres nos papéis de cantadores, vaqueiros, índios, palhaços, escravos, fazendeiros e outros, essas expressões conjugam modalidades distintas de canto, toque, dança, teatro, narrativa e jogo. Frequentemente associadas a crenças e sentimentos religiosos, não perdem, contudo, o caráter lúdico que seus praticantes lhes reservam e denunciam, ao tratá-las preferencialmente como brincadeiras, e a si próprios como brincantes.
Ano/Edição	Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo
Título	Receber e incorporar o diferente
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XX, nº58, maio-ago/2007. São Paulo
Título	Hospitalidade a qualquer hora, hospitalidade a qualquer tempo
Autor/es	Dolly Khouri; Marielys Siqueira Bueno
Resumo	Como parece haver um consenso em considerar os libaneses como um povo hospitaleiro, o objetivo desse artigo é apontar, entre os imigrantes libaneses na cidade de São Paulo, a transferência e as adaptações de usos e costumes dos seus padrões de hospitalidade. Definindo hospitalidade como um modo privilegiado de encontro interpessoal

Ano/Edição	<p>marcado pela atitude de acolhimento, Isabel Baptista (2002, p. 158) dimensiona toda sua importância ao afirmar: “Ao tentar sublinhar a dimensão ética da hospitalidade procura-se evidenciar a necessidade de criar e alimentar lugares de hospitalidade em que, do nosso ponto de vista, surgem a consciência de um destino comum e o sentido de responsabilidade que motiva a ação solidária”. Ao sublinhar a necessidade de criar lugares de hospitalidade Isabel Baptista confirma a importância da comensalidade. No imaginário, tanto individual quanto coletivo o compartilhar iguarias, refeições é um dos mais fortes símbolos da hospitalidade. E é justamente a comensalidade o aspecto de maior destaque e fundamental na hospitalidade libanesa, uma dimensão cultural que se ritualiza para criar uma rede de sociabilidade entre as pessoas. O acolhimento, os prazeres da mesa que se proporciona aos convivas nessas ocasiões constituem os grandes momentos de sociabilidade.</p> <p>Ano XX, nº58, maio-ago/2007. São Paulo</p>
Título	Migrações e interculturalidade no Brasil e na França
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo
Título	Presença cultural francesa no Brasil
Autor/es	Marcio Rodrigues Pereira
Resumo	A presença cultural francesa no Brasil se desenvolve no decorrer do século XIX e se estende, como cultura estrangeira preponderante na elite brasileira, até os anos de 1960, quando é suplantada pela avassaladora presença da cultura norte-americana e, antes disso, pelo nacionalismo brasileiro. Até o início do século XX, sua influência sobre a elite brasileira se faz de maneira espontânea, como consequência do capitalismo. Porém, desde os anos de 1920, ela se faz, em boa parte, em função da política cultural internacional do Estado francês.
Ano/Edição	Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo
Título	O made in Brasil em Londres: migração e os bens culturais
Autor/es	Simone Frangella
Resumo	O presente artigo descreve brevemente o crescimento da circulação de imagens e bens culturais brasileiros pela cidade de Londres, e a relação deste crescimento com a imigração brasileira emergente na última década. A partir de 2000, houve

Ano/Edição	<p>um aumento de estilos, tendências e produtos culturais sobre o Brasil que deram maior visibilidade ao país e permitiram a emergência de novos produtos culturais. A imigração brasileira crescente auxiliou no fomento transnacional destas imagens, e estas, ao mesmo tempo em que tiveram peso nas vivências dos brasileiros na capital inglesa, também colocaram o imigrante em constantes processos de renovação identitária.</p> <p>Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo</p>
Título	O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Alain Montandon (Org.) São Paulo: Senac, 2011. (Resenha)
Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Por Sidnei Marco Dornelas</p> <p>Resenha</p> <p>Ano XXV, nº 70, jan-jun/2012. São Paulo</p>
Título	Los migrantes paraguayos y la lengua guarani
Autor/es Resumo	<p>Miguel Angel Verón</p> <p>Paraguay es un crisol lingüístico desde su mismo inicio. Además de las dos lenguas oficiales, el guaraní y el castellano, los 19 pueblos indígenas usan sus lenguas propias, y las distintas comunidades de inmigrantes también mantienen sus respectivos idiomas. La lengua históricamente mayoritaria ha sido y sigue siendo el guaraní; pese a ello, desde el Estado y la sociedad en general siempre se lo ha subvalorado. Actualmente, cerca del 90% de la población habla esta lengua, y el 70%, el castellano. El guaraní es la lengua indígena más vigorosa del continente. Es idioma oficial del Paraguay; es una lengua hablada por una población criolla en todo el territorio paraguayo; es también lengua del MERCOSUR y lengua de trabajo del Parlasur. Actualmente es hablada por más de 5.000.000 de personas dentro del territorio paraguayo, y también por la misma cantidad fuera del mismo, especialmente en los países del MERCOSUR. Como ocurre en todo proceso migratorio, los paraguayos que dejan sus tierras para vivir en otros países llevan consigo sus lenguas. Esto ocurre, por ejemplo, con compatriotas que migran a San Pablo; ellos siguen hablando entre sí la lengua que les transmitieron sus padres en el calor del hogar: el guaraní. Empero, entre los migrantes paraguayos – así como ocurre en la sociedad paraguaya – se presenta un fenómeno muy peligroso para la vida futura de la lengua guaraní: el corte generacional. La transmisión de padres a hijos es condición necesaria para</p>

Ano/Edição	la longevidad de una lengua. En los últimos años ha habido avances muy significativos en la forma de gestionar las lenguas en Paraguay. Con las nuevas políticas lingüísticas desplegadas y las acciones que se desprenden de ellas, podemos estimar que estará asegurado el jardín lingüístico paraguayo. Ano XXVII, nº 74, jan-jun/2014. São Paulo
Título Autor/es Resumo	As manifestações da cultura popular nordestina em Sorocaba-SP Amanda Alves Gomes; Neusa de Fátima Mariano Objetivou-se, nesse estudo, analisar espacialmente as manifestações da cultura nordestina presentes no município de Sorocaba, decorrentes de movimentos migratórios atraídos pela oportunidade de emprego local. Coube ao trabalho identificar parte desse cenário cultural nordestino na tentativa de se compreender os locais que abrange, bem como se estes permanecem uniformes ou fragmentados, homogêneos ou heterogêneos no cotidiano do migrante e do descendente nordestino. Buscou-se, ainda, entender a presença do CCTN (Centro Cultural de Tradições Nordestinas) de Sorocaba na vida dos migrantes e dos descendentes, bem como na política, na cultura e na sociedade local como um todo. Ano XXVIII, nº 77, jul-dez/2015. São Paulo
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	Multiculturalismo, Migration, and the Politics of identity in Singapore. Kwen Fee Lian (Ed.). Brunei: Editora UBD, 2015. (Resenha) Por Isadora de Lima Branco Resenha Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo

EDUCAÇÃO

Título Autor/es Resumo	O migrante e a educação: o sonho nutre a luta Marília Pontes Sposito Este artigo procura contribuir para a compreensão da vida do migrante na cidade ao trazer para discussão um tema em geral ausente das preocupações daqueles que têm procurado entender sua trajetória e suas lutas: os migrantes e seus projetos educativos. Na verdade, tem sido privilegiado o debate em torno das questões relativas à expulsão dos trabalhadores
-------------------------------------	---